

O HEDONISMO DE EPICURO E O HEDONISMO DA ESCOLA CIRENAICA

SOUZA, Osmar Martins (UEM/UNESPAR)¹

PEREIRA MELO, José Joaquim (Orientador/UEM)²

O prazer (*hedoné*³) constitui um ponto central na doutrina filosófica e no ideal educativo de Epicuro⁴, mas em filósofos anteriores ao Mestre do Jardim⁵, o *hedonismo*⁶

¹Graduado em Filosofia, Mestre em Educação, Doutorando em Educação (UEM) e Professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus de Campo Mourão. E-mail: msouza.32@gmail.com

²Doutor em História, Docente do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: jjpmelo@hotmail.com

³ Como revela el análisis de Merlan, no hay ningún término en nuestras lenguas europeas que pueda abarcar todo el campo semántico que domina el vocablo griego *hedoné* (que es el abstracto relacionado con el adjetivo *hedys*, ‘dulce, placentero’, y de la misma raíz indoeuropea que el adjetivo latino *suavis*). Como mal menor propone una doble traducción: ‘joy’ y ‘pleasure’, según el contexto lo indique. En alemán ya Mewaldt había usado la traducción de Freude junto a las más usuales de Lust y Wonne. De igual modo en castellano podríamos, y debemos hacerlo, utilizar los vocablos de ‘gozo’ y ‘goce’, junto al de ‘placer’, para indicar los aspectos que el vocablo *hedoné* recubre en sus varios contextos. La *hedoné* catastemática de Epicuro corresponde a lo que en francés se llama la *joie de vivre*: “el gozo de vivir”. No cabe duda de que Epicuro era uno de aquellos “para los que el mero vivir es placentero” (*hois hedy to zen*), según expresión de Aristóteles. Sin renunciar pues el empleo del término *placer*, que resulta un tanto provocativo y por ello mismo debe ser conservado muchas veces, hemos de reconocer, con Merlan y otros, que la “filosofía de Epicuro no es una filosofía del placer, es una filosofía del gozo”. La inadecuación en la traducción del término se da ya em latín, puesto que la expresión latina *voluptas* tiene un sentido más restringido que *hedoné*, y en el mismo Cicerón hay pasajes en que podríamos rastrear la inconsistencia de la versión de una palabra por otra, y en que podría haberse utilizado el sustantivo *gaudium*, como se utiliza el verbo *gaudere*. Cicerón advierte claramente el uso ambiguo del término y acusa luego a Epicuro de confundir la *voluptas* con la *vacuitas doloris* (De fin. II, 6, 18). Pero la acusación resulta un tanto injusta porque no se trata de que Epicuro, inadvertidamente, juegue con esa ambigüedad; sino que esa comprensión de los dos tipos de placer, el cinético y el catastemático, en un mismo término genérico, el de *hedoné*, es uno de los trazos más significativos y explícitos de su doctrina ética (GUAL, 2006, p. 162-163).

⁴ Epicuro nasceu em Samos, em 341 a.C. O pai, Neócles, era ateniense e fora para Samos como colono. Morreu em Atenas, em 270 a.C. Parte de sua juventude passou-a na terra natal, onde se familiarizou com o pensamento de Platão. Descontente com o encaminhamento dos seus estudos na terra natal foi encaminhado por seu pai para Téos, na costa da Ásia Menor, onde teve como professor Nausífanos, discípulo do atomista Demócrito. Esse encontro com Nausífanos foi decisivo em relação ao atomismo, que será adotada pelo pensador. Após cumprir suas obrigações militares, por dois anos, Epicuro não pôde retornar a Samos, pois o seu pai e os demais atenienses foram expulsos por perseguição política. No exílio, em Colofon, Epicuro teve o amargo contato com a pobreza, aspecto que influiria na constituição de seu pensamento; e o fato de ter passado doze anos sem freqüentar nenhuma escola filosófica não inviabilizou reflexões que favoreceriam a formação de sua doutrina filosófica. Já em Mitilene, Epicuro abre uma escola para divulgar as suas idéias, mas logo foi perseguido por escolas rivais e sua licença foi

já havia sido proposto como parte essencial e definidor de uma vida feliz. Essa concepção foi proposta primeiramente pelo filósofo Aristipo de Cirene⁷, e a partir de suas reflexões filosóficas, desenvolveu-se a escola cirenaica⁸.

Aristipo de Cirene foi o predecessor da teoria hedonista e algumas de suas ideias serviram de base para Epicuro compor o seu hedonismo, mas é preciso entender precisamente em que medida as ideias cirenaicas influenciaram o mestre do Jardim. Os cirenaicos sustentavam a tese de que o prazer (*hedoné*) era o fim supremo da vida humana e, portanto, o homem deveria buscar todo prazer e evitar toda dor. Esse foi o principal princípio para os cirenaicos, pois segundo eles:

A prova de que o prazer é o bem supremo está no fato de desde a infância sermos atraídos instintivamente para o prazer e, quando o

cassada. Apesar dessa situação, em Mitilene, Epicuro consegue conquistar simpatizantes, entre os quais Hermarco o seu sucessor. Transferindo-se para Lâmpsaco, consegue divulgar suas idéias, pois a cidade deu-lhe boa acolhida. Nessa cidade, também conquista vários seguidores, adquire confiança em suas idéias e arrecada fundos para a manutenção da escola. Por volta de 307/ 306, Epicuro transferiu-se para Atenas, onde, coerente com o seu pensamento, comprou uma propriedade fora da cidade, fundou o “Jardim”, local que era destinado à formação de novos discípulos.

⁵ A comunidade-escola era aberta a todos, para quem dela se dispusesse a participar, sem restrição de nacionalidade, sexo e riqueza. Bastava saber ler. A escola acolhia todo e qualquer ser humano, independente de ser isto ou aquilo, no caso das mulheres de ser cortesã ou ser prostituta, por esse “ser” não constituía nelas o seu ser essencial. No entanto, a comunidade tinha lá sua ortodoxia e constituía-se numa comunidade quase religiosas, mas não como uma seita (SPINELLI, 2009, p. 142).

⁶ Termo com o qual se indica tanto a procura indiscriminada do prazer, quanto a doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível e, portanto, como o fundamento de vida moral. Esta doutrina foi sustentada por uma das escolas socráticas, a Cirenaica, fundada por Aristipo e retomada depois por Epicuro, segundo o qual “o prazer é o princípio e o fim de uma vida beata” (Diog. L., X, 129). O Hedonismo distingue-se do utilitarismo do séc. XVIII porque este último põe o bem não no prazer individual, mas no prazer do “máximo número possível de pessoas”, isto é, na utilidade social (ABBAGNANO, 1962, p. 472).

⁷ Filósofo grego (nascido em Cirene), foi inicialmente sofista, depois discípulo de Sócrates e finalmente fundou o cirenaísmo ou escola cirenaica, ensinando que o prazer era a felicidade suprema da vida (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 25). Conservam-se os seguintes livros do filósofo cirenaico: uma História da Líbia em três livros, dedicada a Dionísios; uma obra contendo vinte e cinco diálogos, alguns deles no dialeto ático, outros em dórico. Os títulos dos diálogos são os seguintes: Artábazos; Aos Naufragos; Aos Exilados; A um Mendigo; A Laís; A Poros; A Laís; sobre o Espelho; Hermeias; Um Sonho; Ao Copeiro; Filômelos; A Seus Amigos; Aos que o Censuram por seu amor ao Vinho Velho e às Mulheres; Aos que o Censuram por sua Vida Extravagante; Carta à sua Filha Areté; A um Atleta que treina para as Olimpíadas; Um Interrogatório; Outro Interrogatório; Uma Peça de Circunstância para Dionísios; Outra, Sobre uma Estátua, outra, Sobre a Filha de Dionísios; A Alguém que se considera Humilhado; A Alguém que procura dar Conselhos. Os discípulos foram sua filha Areté, Aitfops de Ptolemais e Antípatros de Cirene. O Arístipos, cognominado “Discípulo de sua mãe”, foi discípulo de Areté; Teôdoros, conhecido como Ateu e posteriormente como Deus, foi seu discípulo (LAËRTIOS, 2008, p. 67).

⁸ Escola e doutrina filosófica fundada por Aristipo, consistindo em professar o mais absoluto hedonismo, ou seja, a total identidade entre o prazer (ou volúpia) e a virtude (ou o bem).

obtemos, nada mais procuramos, e evitamos tanto quanto possível o seu oposto, a dor (LAËRTIOS, 2008, p. 69).

Essa tese de que a busca do prazer é inerente ao homem e de que “*instintivamente somos atraídos para o prazer*”, ou seja, por natureza o homem busca o prazer e por natureza evita toda dor, sustentada pelos cirenaicos, também foi aceita em grandes linhas e considerada por Epicuro como algo imprescindível para a obtenção da *eudaimonía*⁹, bem como a consideração de que a sensação é o critério verdadeiro para o conhecimento¹⁰. Esta visão foi aceita por Epicuro, mas não de forma integral, pois em seu hedonismo houve um escalonamento dos prazeres e estes eram escolhidos com critérios. Nesse bojo, expressivas são as afirmações de Epicuro:

É por esta razão que afirmamos que **o prazer é o início e o fim de uma vida feliz**. Com efeito, nós o identificamos como o **bem primeiro e inerente ao ser humano**, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a **distinção entre prazer e dor** (EPICURO, 1997, p. 37).

Ou nas de Diôgenes Laêrtios:

E como prova de que o prazer é o fim supremo, Epícurus aduz o fato de os seres vivos imediatamente após o nascimento estarem contentes com o prazer, enquanto rebelam-se contra a dor por disposição natural, sem a intervenção da razão. Por instinto legítimo fugimos então à dor (LAËRTIOS, 2008, p. 314).

Pode-se considerar, a partir das citações acima, que entre as afirmações dos cirenaicos e as de Epicuro existem semelhanças, pois tanto uma escola, quanto a outra reconheceram que o prazer deve ser buscado e a dor deve ser evitada. Entretanto,

⁹ Ela não consiste, segundo Demócrito, nos bens externos (Diels, frgs. B 170, 171, 40). O homem justo é feliz, assim Platão Rep. 353b-354^a, e a melhor vida é a mais feliz. A felicidade é o supremo bem prático para os homens (Aristóteles, Eth. Nich. I 1097 a-b), definido, IBID. I, 1098^a, 1100b. Consiste na contemplação intelectual. No estoicismo a felicidade resulta da vida harmoniosa (PETERS, 1974, p. 85).

¹⁰ Aristipo y sus discípulos afirmaron la preeminencia de la sensación como el verdadero criterio de conocimiento. La sensación es el adecuado fundamento a la teoría del placer. Una interpretación del hombre, como cuerpo que se integra a la naturaleza, por médio de ese ebullente y delicado dominio de la sensibilidad y los sentidos, tenía que encontrar, a su vez, un principio real que, en los límites mismos de ese cuerpo, le hablase de su fusión con la naturaleza en los inequívocos términos del placer y del gozo (LLEDÓ, 1999, p. 111).

mesmo com essas aproximações iniciais, não se pode considerar que a concepção de *hedoné* (prazer) na proposta filosófica e educativa de Epicuro foi uma reprodução literal da cirenaica, já que ocorreu uma reformulação e uma ampliação por parte de Epicuro em relação ao hedonismo cirenaico. Essa reformulação da noção de prazer empreendida por Epicuro se deve à consideração das discussões feitas pelos platônicos e aristotélicos¹¹ sobre esse tema (SILVA, 2003, p. 100). Corrobora nesse sentido, as afirmações de Rodolfo Mondolfo:

Esto se obtiene con la discriminación de los deseos (que Epicuro recoge de Platón y de Aristóteles) y con alegría espiritual del recuerdo de los bienes gozados, que el sábio sabe renovar también en medio de dolores físicos y con la contemplación de las verdades imortales que (como lo había ya dicho Aristóteles) hace al hombre semejante a un Dios, puesto que al vivir rodeado de bienes inmortales su vida deja ya de asemejarse a la de un mortal (MONDOLFO, 1997, p. 37).

Desse modo, reconhecer a influência do hedonismo cirenaico no epicurista não autoriza tomá-los como iguais e assim é necessário estabelecer as suas distinções e compreender a função que o prazer ocupou em suas reflexões filosóficas. Os cirenaicos defendiam que **todo prazer** deveria ser buscado indistintamente, pois consideravam que não existiam graduações entre um prazer e outro e a dor era um mau que deveria ser evitada a qualquer custo. Nesse sentido, os cirenaicos sustentavam:

[...] dois estados de alma – o prazer e a dor -, sendo **o prazer um movimento suave, e a dor um movimento brusco. Um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro**; todos os seres animados aspiram ao prazer e repelem a dor (LAËRTIOS, 2008, p. 69).

¹¹ En la filosofía griega, la discusión de este concepto y su sentido va ocupar alguna de las páginas más apasionantes de la filosofía de platón y Aristóteles. Paracía como si el placer, como si la preocupación por sentir los ecos gratificadores de nuestro cuerpo contradijesen los empeños del sabio por encontrar un placer supremo, un conocimiento liberado de los lastres de nuestra limitada condición carnal; una contemplación que fuese capaz de alcanzar una fuente de gozo más intensa y duradera que el efímero latido de la carne. El Filebo platónico, la Ética Nicomáquea de Aristóteles, son buen ejemplo de esas tensiones intelectuales, de esas agudas disquisiciones por trazar, con las palabras, una teoría que acomodase la palpitante realidad corporal a los sublimes ámbitos de la contemplación (LLEDÓ, 1999, p. 110).

Os cirenaicos, conforme se pode depreender da citação acima, só consideravam apenas o prazer como movimento, “*sendo o prazer um movimento suave e a dor um movimento brusco*”. Eles entendiam o prazer dessa forma, porque deram preferência à filosofia heraclitiana¹², segundo a qual tudo está em movimento constante e não admitiram um terceiro estado de prazer, de calma ou estático (BRUN, 1986, p. 98). Contrariamente a esta posição, Epicuro sustentava o prazer estático (catastemático¹³), conforme afirmou Diôgenes Laêrtios:

Nas concepções a propósito do prazer Epicuros diverge dos cirenaicos. Estes, com efeito, não admitem o prazer estático, mas somente o prazer em movimento; Epicuros, ao contrário, admite ambos, quer os da alma, quer os do corpo (LAÊRTIOS, 2008, p. 314).

Epicuro acaba por opor-se aos cirenaicos e a sua concepção de prazer em movimento ao evidenciar o prazer estável (catastemático) como a forma elevada de prazer, porque corresponde ao prazer que traz a tranquilidade mental, em que o prazer do corpo é libertado de dor (LONG, 1977, p. 74). Entretanto, Epicuro não excluiu o prazer em movimento, “*ao contrário, admite ambos, quer os da alma, quer os do corpo*”, ou seja, o mestre do Jardim não negou o prazer em movimento (cinético), mas estabeleceu uma distinção entre ambos e ressaltou que o primeiro é sempre condição para se chegar ao segundo. O primeiro prazer (cinético) é condição, mas está subordinado ao segundo (catastemático), porque este tipo de prazer não é passageiro e sim duradouro, e produz o equilíbrio necessário para uma vida feliz, conforme afirmou Epicuro: “*a tranquilidade perfeita e a ausência completa de sofrimento são prazeres estáticos; a alegria e o deleite são prazeres em movimento enquanto vistos em sua atividade*” (LAÊRTIOS, 2008, p. 314).

¹² Heráclito é considerado o filósofo do devir, do vir-a-ser, do movimento, o grego (nascido em Éfeso) Heráclito é o mais importante pré-socrático. Filósofo melancólico e obscuro, de estilo oracular, ele se contenta com a representação: o sol é novo a cada dia. O Universo muda e se transforma infinitamente a cada instante. Um dinamismo eterno o anima. A substância única do cosmos é um poder espontâneo de mudança e se manifesta pelo movimento. Tudo é movimento: “panta rei”, isto é, “tudo fui”, nada permanece o mesmo. As coisas estão numa incessante mobilidade [...] (JAPIASSU, 1993, p. 117).

¹³ O prazer catastemático remete simplesmente a uma situação de estabilidade. Quando o corpo se encontra nessa situação, está inteiramente isento de dor; daí a referência à aponía como prazer catastemático (KONSTAN, 2011, p. 138).

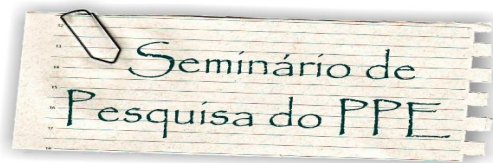
Em face disso, Epicuro ensinava que era fundamental aprender a escolher somente os prazeres que propiciassem o equilíbrio e a tranquilidade da alma, pois nem todos os prazeres devem ser buscados e nem todas as dores devem ser evitadas, porque é importante levar em conta não só o momento imediato, mas também os possíveis desdobramentos daquilo que se está escolhendo, na medida em que essa escolha pode resultar em maior tranquilidade ou perturbação para o indivíduo. Isso foi explicitado da seguinte forma pelo Mestre do Jardim, na *Carta a Meneceu*:

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é uma mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, **avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos**. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem (EPICURO, 1997, p. 37-39).

Na concepção de Epicuro **todos os prazeres** devem ser avaliados antes de serem escolhidos e essa seleção não é feita sem pressupostos, mas a partir de um conhecimento adequado da natureza das coisas¹⁴, que é alcançado por uma investigação racional, com a qual se calcula por meio do critério de “*benefícios*” e de “*danos*”, qual prazer deve ser escolhido, tendo em vista a felicidade duradoura. Desse modo, é possível estabelecer a distinção entre os prazeres e deliberar os que “são fundamentais para a felicidade” (EPICURO, 1997, p. 35). Totalmente contrária a essa posição de Epicuro, os cirenaicos afirmavam que: “um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro” (LAËRTIOS, 2008, p. 69).

Os cirenaicos também estabeleceram uma distinção entre bem supremo e a felicidade. O bem supremo é o prazer isolado, ou seja, todo prazer é um bem supremo em si e, portanto, deve ser buscado, ao passo que a felicidade é resultado da realização

¹⁴ Esse conhecimento adequado da natureza das coisas é fornecido, segundo Epicuro pela fisiologia. Essa questão será discutida na quarta seção deste trabalho.



desses prazeres isolados (LAËRTIOS, 2008, p. 69). A felicidade não é um fim a ser buscada, ela é resultado da soma dos prazeres, pois para os cirenaicos, todos os prazeres devem ser buscados de forma indistinta e não existe diferença entre um e outro, e ainda, mesmo que sua realização resulte de atos não exemplares, eles devem ser buscados.

Esse tipo de procedimento adotado pelos cirenaicos foi rejeitado pelo mestre do Jardim. Na doutrina do Jardim, somente os prazeres que poderiam conduzir à felicidade é que deveriam ser realizados, pois segundo ensinava Epicuro, nem todo prazer deve ser buscado, mas somente o que possibilita a auto-suficiência e a ausência de sofrimentos. Dessa forma, a concepção de felicidade na proposta educativa epicurista não era o resultado da somatória de todos os prazeres como na cirenaica, mas era propiciada pelos prazeres que produzem a sensação de bem-estar, a serenidade da alma e uma vida equilibrada (MORAES, 1998, p. 69). Nesse sentido, Epicuro expôs a sua concepção de prazer, afirmando:

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou interpretam erroneamente, **mas ao prazer que é ausência de sofrimentos e de perturbações da alma** (EPICURO, 1997, p. 43).

O hedonismo de Epicuro se diferenciou do cirenaico ao explicitar que o prazer a ser buscado não é igual ao dos dissolutos e dos “intemperantes”, mas aquele que é refletido, analisado e que se tem em conta as consequências ou implicações de sua eleição. Epicuro condenava a *hedoné* desenfreada, pois ao contrário dela propiciar a saúde do corpo e o equilíbrio da alma, acabava tendo um resultado negativo, ou seja, o prazer convertia-se em dores e em desequilíbrios. O prazer epicurista era comedido, era regado e era aferido não por um moralismo transcendente, mas fundamentado em um conhecimento imanente do mundo e do homem. Segundo Epicuro:

Se aquilo que proporciona prazeres aos licenciosos pudesse livrar a mente das angústias que sofre a propósito dos fenômenos celestes, da morte e dos padecimentos e se, ademais, lhes ensinasse o limite dos desejos, não teríamos nada para repreendê-los, já que estariam imersos

em prazeres sem nenhuma mistura de dor nem de angústia, as quais são precisamente o mal (EPICURO, 2010, p. 28).

Além dessas diferenças entre a *hedoné* epicurista e a cirenaica, eles também divergiram quanto aos prazeres corporais e aos da alma. Para os cirenaicos, os prazeres do corpo eram superiores aos da alma, assim como as dores do corpo eram superiores às da alma. Nesse sentido, todo o prazer corporal devia ser buscado, e toda dor corporal devia ser evitada, pois os cirenaicos afirmavam que:

[...] os prazeres somáticos são muito melhores que os psíquicos, e as dores somáticas são muito piores que as dores psíquicas, e essa é razão de os culpados serem punidos com as primeiras. Presumiam que a dor é mais penosa, e o prazer é mais conforme à natureza, e por isso davam maior atenção ao corpo que à alma (LAËRTIOS, 2008, p. 69).

Para Epicuro, os prazeres da alma eram superiores aos corporais (cinético), assim como as dores da alma também eram superiores às dores do corpo. Com esse entendimento, Epicuro exortava os seus discípulos para escolherem os prazeres da alma, porque estes não trazem nenhuma dor, nem perturbação após a sua realização, e gozando com paz e serenidade, desfruta-se do escolhido no passado (FALLAS, 1996, p. 255). Considerava que os prazeres da alma eram mais vantajosos que os do corpo, pois a alma vive em três momentos: passado, presente e futuro; ao passo que o corpo vive o momento presente. Essa visão epicurista destacou um aspecto importante, a memória, como um elemento que contribui para felicidade do homem, durante o tempo em que se vive e em situações de adversidades (SILVA, 2003, p. 108). Esse aspecto foi ressaltado pelo próprio Epicuro em sua *Carta A Idomeneo*, quando o Mestre do Jardim era consumido pelas dores corporais, a recordação das coisas prazerosas o ajudava a manter-se tranquilo e feliz:

Cuando estoy pasando y a la vez acabando los felices días de mi vida te escribo las presentes líneas. Me continúan las afecciones de vejiga e intestinales, que no Dan trégua al exceso de gravedad que les es propia. Pore se enfrenta a todo eso la alegría espiritual, fundada en el recuerdo de las conversaciones filosóficas que sostuvimos nosotros (EPICURO, 2001, p. 113).

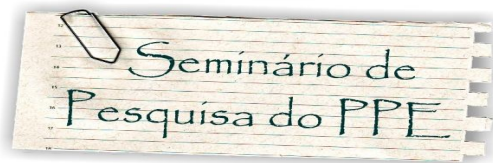
Portanto, o hedonismo epicurista não foi restrito como o cirenaico, que considerava principalmente o momento presente e os prazeres corporais, mas devia-se levar em conta que: “*ante cualquier deseo debemos formularnos la siguiente cuestión: qué me sucederá si se cumple el objeto de mi deseo, y qué si no se cumple?*” (EPICURO, 2001, p. 104), ou seja, antes das escolhas dos prazeres corporais era preciso avaliar os seus desdobramentos, para evitar as dores na alma e para viver tranquilamente o presente sem ficar se lastimando das escolhas do passado. Assim, Epicuro:

[...] considera as dores da alma piores. Realmente, a carne é transtornada pelo sofrimento apenas no presente, enquanto a alma, além de sofrer pelo presente, sofre ainda pelo passado e pelo futuro. Sendo assim, ele também crê que os prazeres da alma são maiores que os do corpo (LAËRTIOS, 2008, p. 314).

A concepção de hedoné, no pensamento epicurista, não dá para ser confundida com a hedoné da escola cirenaica, pois no epicurismo os prazeres da alma foram considerados superiores ao do corpo. Entretanto, não é possível desconsiderar que Epicuro tenha se servido das reflexões da escola cirenaica, mas essa aceitação não autoriza a equiparação entre o hedonismo epicurista e o cirenaico, como ocorreu em algumas interpretações do pensamento de Epicuro. Essas interpretações equivocadas ou intencionalmente distorcidas do hedonismo epicurista podem ser identificadas já na antiguidade, ora por uma não compreensão do hedonismo epicurista ou para descaracterizar o pensamento de Epicuro, como se pode observar no pensamento de Cícero¹⁵ e em parte da tradição posterior¹⁶.

¹⁵ Cícero nasceu em 106 a.C. em Arpino. Aproximou-se desde jovem da filosofia, cultivando-a com interesse e constância. Todavia, o amor pela filosofia não absorveu por inteiro todas as energias e interesses de Cícero. Ele, com efeito, foi prioritariamente levado à vida pública, à vida forense e à vida política. Por isso a sua escolha de fundo foi pela retórica, pela oratória. Sua carreira oratória começa já em 81 e em 74/75 inicia sua atividade política, com a eleição para questor. Daí em diante Cícero ligou amiúde o seu nome a clamorosos processos e a importantes acontecimentos políticos. Morreu em 43 a. C., assassinado pelos soldados de Antônio (REALE, 1994, p. 454).

¹⁶ Hemos visto la responsabilidad que ya desde tiempos romanos tiene Cicerón en el desprestigio de los del Jardín. La ética epicúreo está especialmente desarrollada en el diálogo De finibus, puesta en la boca del epicúreo romano Torcuato, quien la expone, en expresión de C. García Gual, “con claridad de manual escolar”. En épocas posteriores, la doctrina del placer, conjugada con su teología y su física atomista y mecanicista, suscitaron el antagonismo y posterior y definitivo divorcio entre cristianismo y epicureísmo, polémica en la que el término epicureísmo (Vid, LACT. Div. Inst.) fue adquiriendo los matices



Pode-se concluir que o hedonismo (*hedoné/prazer*) no pensamento filosófico e educativo de Epicuro não se assemelhou ao hedonismo da escola cirenaica e pouco corresponde as interpretações que tentaram distorcer o significado que o hedonismo ocupou no sistema filosófico do Mestre do Jardim. O hedonismo de Epicuro não se referia a todo prazer (*hedoné*) como era no pensamento de Aristipo de Cirene, mas se referia exclusivamente ao prazer (*hedoné*) que proporcionava a tranquilidade e a paz de espírito, que correspondia ao que o filósofo denominava de *eudaimonía* (felicidade). Cabe ainda ressaltar, que a concepção hedonista de Epicuro foi produzida em circunstâncias históricas diversas em que o hedonismo de Aristipo foi proposto e por esta razão, em grande medida, respondia as necessidades sociais do momento em que viveu o Mestre do Jardim.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BRUN, Jean. **O epicurismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CONTRERAS, Mariano Nava. **Pensamiento político y social del estoicismo y epicureísmo helenísticos**. 2001. 509 f. Tese (Doutorado)-DPTO. de Filología Griega, Universidad de Granada, granada, 2001.
- EPICURO. **Obras**. Madrid: TECNOS, 2008.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.
- EPICURO. **Máximas Principais**. São Paulo: Loyola, 2010.
- FALLAS, Luis A. **El placer en Grecia y el mundo hebreo**. Costa Rica: Rev. Filosofía, XXXIV, 1996.
- GUAL, Carlos García; ÍMAZ, María Jesús. **La filosofía Helenística: éticas y sistemas**. Madrid: SÍNTESIS, 2008.
- GUAL, Carlos García. **Epicuro**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

peyorativos de “ateísmo” y “materialismo”, y asociándose al hedonismo disoluto del homo carnalis, con que fue despreciado durante la Edad Media (SCHMID, 1984, p. 145 apud CONTRERAS, 2001, P. 245).



JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KONSTAN, David. **A alma**. In: GIGANDET, A. E. ; MOREL, P.-M. (Orgs.) *Ler Epicuro e os epicuristas*. São Paulo: Loyola, 2011.

LAÊRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2008.

LLEDÓ IÑIGO, E. **El epicureísmo: una sabiduría del cuerpo, del gozo y de la amistad**. Madrid: Taurus, 1999.

LONG, Anthony A. **La filosofía helenística: estoicos, epicúreos, ascéticos**. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

MONDOLFO, Rodolfo. **La conciencia moral de Homero a Demócrito y Epicuro**. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.

MORAES, João Quartim de. **Epicuro: as luzes da ética**. São Paulo: Moderna, 1998.

PETERS, F. E. **Termos Filosóficos Gregos**. Lisboa: Calouste, 1983.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Vol. III. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, Markus Figueira. **Epicuro: sabedoria e jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Loyola, 2009.